

# INSTANTÂNEOS

Newton Gonçalves

(I)

Estou voltando de Kingstone Upon Hull, porto pesqueiro escondido num recorte brumoso da costa inglesa, no Mar do Norte. Pela janela do trem entrevejo os campos quase abandonados pelo verão.

As medas, há pouco ceifadas, ainda estão úmidas e olentes. Só a carneirada lamuda e gorda se move, dando vida às pastagens monótonas.

Lembro-me do gado magriz das caatingas cearenses, na secura do estio prolongado.

Em muitos lugares há carvão de pedra amontoado, para aquecer o frio próximo.

Olho, também, os enormes casarões de tijolo vermelho, fábricas de produtos que correm mundo à procura de riqueza para esta ilha industrializada.

O trem parou alguns minutos em Peterborough louth, nome para engrolar a língua da gente.

De novo em marcha, cumprindo o horário inexorável.

Mais adiante me distraio com um grupo de velhos pescadores de caniço, sentados à margem do rio, que se renova constantemente.

Quem serão aqueles velhos? Veteranos da Índia? De Flandres? Marinheiros reformados? Pensionistas, ou simplesmente vagabundos?

Imagino, que pescar de anzol, aproveitando as últimas tardes quentes do verão, deve ser uma boa, passatempo agradável para o vazio dos ócios forçados.

Enquanto o peixe não morde a isca, a gente pensa e pensa, num relaxante devaneio...

Mas, na minha terra não há rios perenes. O Pajeú não vale, é um riacho de águas poluídas, correndo em tubulões soterrados!

Os velhinhos que eu vi desapareceram na curva da estrada... Talvez fossem aprendizes de Izaak Walton, daquele manual que há mais de trezentos anos ensinou aos ingleses as delícias da arte de pescar!

(II)

Ontem passei em frente ao hotel onde me hospedei, faz muitos anos! Era, então, a novidade mais atraente do lugar! As ruínas dos grandes monumentos, dos castelos medievais, dos templos gregos, conservam a glória e a beleza. Até me parecem mais imponentes assim, envoltos no mistério das lendas ou revestidos pela história.

Um hotel decadente é muito triste!

(III)

Espanha da casa de pedra da minha tia-avó, em Cortegada, na Galícia altiva.

Espanha de Toledo, com o Alcazar, El-Greco e a Catedral que me lembra Ibañez.

Espanha da monumentalidade de Madrid; do misticismo do Escorial; da religiosidade aturistada de Sevilha; das belezas movias de Granadá; dos sábios de Talamanea; dos alvos cumes da Terra Nevada; do paños escondidos de Cordoba; do espírito revolucionário das Ramblas, da modernidade escultural agressiva de Gaudi; do protesto pictórico de Picasso.

Espanha ou Espanhas do meu coração! Olé!

(IV)

Da janela do meu apartamento, solitário, contemplo o Potangi encontrando-me com o mar.

E fico olhando para ver se o “Ita” (“Itaimbé”, “Itanagé”, “Itaquicé”, qualquer deles serve) vai dobrando a barra, rumo ao ancoradouro.

Mas, os “Itas” não navegam mais; desapareceram carregados de saudades...

(V)

Eu não sabia a razão de minha tristeza, em dia de festa!

Dispensei os analistas seguindo uma advertência de Maraño: O que a natureza levou para o subconsciente, de lá não se deve retirar...

Mas, como a literatura é a mostra da vida, foi em “As Farpas” de Ramalhão Ortigão que encontrei a chave do mistério.

Diz ele: “No meu pobre coração quantos lutos sobrepostos, quantas saudades acumuladas”!

E o poeta Barros Pinho remata o poema “A noite de Natal”, com estes versos:

“Os mortos são radicais  
Só sabem viver com os vivos.”

Por isso é que sinto tanta saudade nos dias de festa!